



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

18 | 2016

Ponto Urbe 18

Narrativas urbanas em tempos perturbadores

Uma introdução

Silvana Nascimento e José Miguel Olivar



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3131>

DOI: 10.4000/pontourbe.3131

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Silvana Nascimento e José Miguel Olivar, « Narrativas urbanas em tempos perturbadores », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 06 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3131> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3131

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 Maio 2019.

© NAU

Narrativas urbanas em tempos perturbadores

Uma introdução

Silvana Nascimento e José Miguel Olivar

- 1 Em meio ao processo de impeachment da presidenta Dilma, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) deflagrou, mais uma vez, no mês de maio, um tortuoso caminho de mobilização pela valorização e fortalecimento de uma universidade integralmente pública, incluindo reivindicação por melhores salários e mais vagas, manutenção do Hospital Universitário, da creche e da Escola de Aplicação, além de uma luta, mais do que justa, pela inclusão da política de cotas étnico-raciais na USP, uma das únicas universidades públicas do país que ainda não possui esta política de ação afirmativa. Assim, iniciou-se uma greve, impulsionada inicialmente pelo Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), posteriormente pelo Movimento Estudantil e finalmente pela Associação dos Docentes da USP (Adusp).
- 2 Já no mês de junho, com a paralisação das atividades acadêmicas no departamento de Antropologia, incluindo a pós-graduação, estudantes do curso “Etnografias urbanas: fronteiras, economias, afetos”, ministrado por nós, propuseram-se a fazer observações etnográficas em diferentes espaços na cidade de São Paulo e a pensar de que modo a conjuntura política atual está presente nos discursos e nas práticas dos sujeitos urbanos. Ao invés de simplesmente aguardar o fim da greve, tiveram o entusiasmo de se deslocar para algum lugar da metrópole e observar como cidadãos(as), em suas vidas ordinárias, têm se manifestado sobre o crítico contexto político no país.
- 3 Assim, foram realizadas diferentes incursões a campo na capital paulista – conversas com motoristas de taxi, médicos e profissionais da saúde, movimentos de moradia, artistas, amantes do Tango, uma festa de Exu, ocupações, além de aproximações com o movimento grevista na USP. Não foram todas as experiências que puderam ser relatadas aqui mas puderam ser compartilhadas e debatidas coletivamente.
- 4 A despeito de um discurso (quase) unívoco na classe de antropólogos(as) brasileiros(as) sobre o golpe e de inúmeras mobilizações à esquerda, que não cansam de se proliferar, as incursões a campo apresentaram novas (e velhas) versões do cenário político. Sujeitos

urbanos encaram o processo da “crise” de perspectivas diversas, alguns menos pessimistas, outros mais conformados(as), outros ainda tocam suas vidas como sempre o fizeram, onde o cotidiano se sobrepõe ao universo da política.

- 5 Assim demonstram os relatos de Beatriz Accioly Lins, Natália B. Lago e Vinícius Spira quando etnografaram a Marcha para Jesus, durante o feriado da Semana Santa na capital, que reuniu milhares de religiosos de diferentes vertentes de igrejas protestantes. Neste evento, a despeito de toda a conjuntura política nacional, seus participantes reconheciam a existência de uma crise mas não faziam questão de se posicionar em prol de governos específicos, pois o que estava em jogo era festejar e realizar orações coletivamente, fortalecendo suas devoções a um dos líderes mais antigos e duradouros do mundo: Jesus Cristo.
- 6 Por sua vez, o texto produzido a seis mãos por Ana Caroline Bonfim Pereira, Calliandra Sousa Ramos e Ruan Coelho mostra que a Parada LGBT, que aconteceu dois depois da Marcha para Jesus, evidenciou manifestações mais heterogêneas em relação à situação política e posicionamentos mais concretos contra o governo de Michel Temer. Contudo, para além do mote da parada deste ano (a reivindicação de uma Lei de Identidade de Gênero para travestis, mulheres transexuais e homens trans), o que mais chamou a atenção dos(as) etnógrafos(as) foi a livre expressão da sexualidade que preencheu todos os espaços da avenida Paulista, ocupada por diferentes gerações de LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).
- 7 A temática feminista não poderia passar despercebida neste conjunto de textos. Maria Stello Leite descreve a 14ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais que acontece um dia antes da Parada, e observa como se controem os discursos e práticas em torno da “resistência lésbica”, suas pautas específicas e tensões em relação ao movimento LGBT. Uma das questões recorrentes está na importância da temática de gênero na escola, que está sendo excluída sistematicamente do aparato legislativo nacional, assunto que também é problematizado por Flávia Melo da Cunha a partir de uma etnografia multi-situada (nas mídias, redes sociais e em Manaus) sobre a produção dos discursos da “ideologia de gênero”, de um lado, e da “cultura do estupro” de outro.
- 8 Em continuidade com o tema dos movimentos sociais, três artigos oferecem análises sobre diferentes formas de ocupação e resistência política em São Paulo. O primeiro deles, escrito por Paula Bolonha e Marciano Kappaun, voltou-se para movimentos de moradia e descreve como seus integrantes em duas ocupações, uma localizada no bairro da Luz e outra na periferia de Guarulhos, têm pensado os processos políticos que ocorrem em Brasília atualmente. Os autores mostram que há uma imbricação entre cotidiano e política que se concretiza na produção diária na luta por moradias mais dignas. O segundo artigo, elaborado por Michel de P. Soares e Paola Lappicy, descreveu alguns eventos observados na Ocupação na Funarte, que se tornou um dos ícones de resistência de artistas, que construíram um espaço alternativo e questionador no momento em que o Ministério da Cultura foi temporariamente extinto pelo governo interino. Neste período, que também coincidiu com a greve de docentes na USP, professores(as) do departamento de Antropologia se incorporaram ao movimento e realizaram atividades na sede da Funarte, como Rose Satiko Hikiji, Marcelo Natividade e Júlio Simões. O terceiro artigo, de Rafael Lomeu, faz um relato etnográfico do I Festival Internacional do Dia do Refugiado, que ocorreu no mês de junho, no centro de São Paulo, e descreve como artistas provenientes de diferentes países se manifestaram contra o governo interino de Michel Temer por meio de manifestações culturais.

- 9 Em relação à greve na USP, André Luiz Alves Bonifácio se debruçou sobre a Creche Central e descreveu como se desenrola o cotidiano de professoras e crianças e quais desafios e dificuldades têm enfrentado devido aos constantes cortes de vagas e verbas por parte da reitoria. Atualmente, grande parte dos serviços gratuitos oferecidos à comunidade acadêmica, como escola e creche para filhos de servidores, docentes e discentes, hospital universitário e posto de saúde, estão em processo de desarticulação e têm sobrevivido a duras penas.
 - 10 Sobre a situação da saúde no Brasil, Alexandra C. Gomes de Almeida mostra a perspectiva de profissionais da saúde que atuam em hospitais públicos e privados e quais são suas visões em relação ao contexto político atual e ao Sistema Único de Saúde. E suas visões demonstram um certo comodismo e atitudes de pouco enfrentamento no que se refere ao colapso dessa estrutura excludente e o pouco investimento dos governos ao longo dos anos.
 - 11 Por fim, a descrição etnográfica de Daniel Fernandes Moreira traz um relato sobre a presença da política na Biblioteca Ricardo Ramos, na zona leste de São Paulo, a partir de observações dos anseios de leitura dos seus frequentadores e descobre que o número de retiradas de livros a respeito da história brasileira, especialmente do período da Ditadura Militar, bem como de autores como Marx e Paulo Freire, aumentou consideravelmente nos últimos meses.
 - 12 Assim, construída coletivamente, esta coletânea, sem a ambição de realizar uma análise aprofundada, deseja conciliar etnografia com ação política na cidade, seguindo o curso das mobilizações, paralizações e ocupações. Por meio de breves relatos etnográficos, produzidos no calor da hora das insatisfações e reivindicações políticas em São Paulo, esperamos apresentar olhares etnográficos do nosso mundo, em tempos perturbadores.
-

AUTORES

SILVANA NASCIMENTO

Silvana Nascimento é docente do departamento de Antropologia da USP e co-coordenadora do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana.

JOSÉ MIGUEL OLIVAR

José Miguel Olivar é pesquisador associado do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, da Unicamp e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).